
DANÇAS MACABRAS: UMA CRÍTICA SOCIAL NA BAIXA IDADE MÉDIA

José Carlos Gimenez*

RESUMO: Este artigo realiza uma reflexão sobre o significado da morte retratado nas manifestações culturais conhecidas como Danças Macabras ou Danças da Morte; um gênero alegórico muito difundido no final da Idade Média e início do período Renascentista e que tem por objetivo discutir a fragilidade do homem diante da presença inevitável da morte. A análise é feita a partir da leitura do texto anônimo *Danza General de Muerte*, escrito entre os séculos XIV e XV.

PALAVRAS-CHAVE: Baixa Idade Média. Danças da Morte. Literatura Medieval.

DANCE OF DEATH: A SOCIAL CRITICISM IN THE LATE MIDDLE AGES

ABSTRACTS: This article approaches the meaning of death, which is portrayed in cultural manifestations known as Dances of Death; a widely spread allegoric genre in the ending of the Middle Ages and the beginning of Renaissance, aiming to present men's fragility and incapacity before the inevitability of death. The analysis was done from the reading of the anonymous text *Danza General de Muerte*, written between the fourteenth and fifteenth centuries.

KEYWORDS: Late Middle Ages. Dances of Death. Medieval Literature.

No período que marca a Baixa Idade Média, as expressões artísticas e literárias foram inundadas por temas relacionados ao macabro. Além do texto escrito, propriamente dito, o tema da morte pode ser encontrado em esculturas, pinturas, gravuras ou em pequenos textos para o teatro, a música e a dança, entre outros. Apesar das diferenças entre esses gêneros literários, tais expressões coincidem numa temática que retrata a morte e sua chegada inesperada, o que arrasta todos os seres humanos para o seu bizarro bailado. Em uma espécie de acusação ou de “acerto de contas”, ela mostra a brevidade da vida e a decomposição do corpo, uma vez que todos, independentemente da posição social, política ou religiosa que ocupam no mundo, compartilharão da sua coreografia. Segundo Victor Infantes,

Por Danza de La Muerte entiendo una sucesión de texto e imágenes presididas por la Muerte como personaje central – generalmente representada por un esqueleto, un cadáver o un vivo en descomposición – y que, en actitud de danzar, dialoga y arrastra uno

* Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). jcgimenez@uem.br

por uno a una relación de personajes habitualmente representativos de las más diversas clases sociales (INFANTES, 1997, p. 21)

Para medievalista francês Jacques Le Goff, o desenvolvimento dos temas macabros no final da Idade Média, também pode ser entendido pelas consequências provocadas pelo advento da Peste Negra em várias regiões do continente europeu. A presença constante e cotidiana daquela epidemia provocou, além de grande mortalidade, profundas inquietações, principalmente a descoberta de uma nova maneira de encarar a morte. Ainda segundo Le Goff, naquele contexto de peste, já não prevalecia somente uma visão da morte como uma passagem tranquila para o além, com ela os homens foram levados a elaborar novos imaginários em relação à morte (LE GOFF: 1984, p. 129-133). Trata-se de uma morte encarnada, pois o homem daquele período havia tropeçado no cadáver.

En Europa, entre los siglos XIV y XV, cobraron auge ciertas manifestaciones artísticas que se conocen como Danzas macabras o Danzas de la muerte. Éstas surgieron en una sociedad azotada por plagas devastadoras como un recordatorio de la fragilidad de la vida terrena y la posibilidad latente de una muerte repentina; paralelamente, expresan una búsqueda espiritual que exhorta a estar preparado, en cualquier momento, para rendir cuentas al Creador (MERGRUEN, 2007, p. 7-8)

Se considerarmos que naquele contexto os homens “tropeçam” em cadáveres, isto é, na morte, como afirma Le Goff, é possível notar que em períodos anteriores o homem assumia uma atitude diferente diante do modelo de uma “bela morte”, ou, de uma morte não personificada. Essa “bela morte”, que antecede a idéia de um final macabro, pode ser percebida com o apoio da descrição que faz o medievalista francês Georges Duby (DUBY, 1988b).

Esta obra, entre as muitas possibilidades de leitura, discute aspectos da vida cotidiana do cavaleiro Guilherme, o Marechal nas cortes da França e da Inglaterra no século XII. Nos relatos dos momentos finais do cavaleiro no leito, podemos percebemos o ideal de morte. O agonizante cumpre, perante os familiares e vizinhos, sua última função social, ou seja, além de todos esperarem que o moribundo distribua parte de seus pertences, ele, por sua vez, espera que os que aqui ficarem, comprometam-se a cumprir todos os ritos necessários para que ele possa passar tranquilo para a eternidade.

Georges Duby ao analisar a morte na obra *Guilherme, o Marechal*, não o faz num sentido de decadência, visto que o cavaleiro não perdeu prestígio nem decaiu socialmente. Viver até os sessenta e cinco anos era algo fabuloso para a época, e,

quando ele sente que não é mais capaz de guerrear, entrega-se ao seu destino natural e espera a morte. Dessa maneira, o cavaleiro, ao deixar o mundo terreno, tem o dever de contribuir uma última vez para fortalecer o moral e conservar o corpo social. No caso de pessoas representativas da sociedade medieval, a morte poderia se tornar uma verdadeira cerimônia de renúncia e de festividades. Essas belas mortes se transformam em espetáculos para a multidão, pois, os ouvintes, atentos, esperam que o agonizante manifeste lentamente seus valores e deixe como testemunho os exemplos de virtude aos que permanecerão vivos (DUBY, 1987).

Na medida em que se aproximava o final século XIV, principalmente com as ações e consequências da Peste Negra em solos europeus, pode-se perceber outra atitude em relação à morte. No cotidiano entrava a figura do cadáver. Também uma nova visão da morte, cujas imagens reproduziam a fragilidade da vida e as limitações dos homens diante da morte. Em grande parte, essas representações se transformaram num grande motivo e num riquíssimo material que fez alimenta as expressões artísticas do período, seja nas esculturas, seja nas pinturas, ou na literatura, entre outras, porém, sempre por meio de suas mensagens, alertavam aos homens que viver é uma tarefa árdua e duvidosa. Como afirma Georges Duby: “A obra de arte maior do século XIV não é a catedral nem o palácio, mas o túmulo e suas várias manifestações” (DUBY, 1988a, p. 146).

A sociedade desse período criava e absolvía estas representações dramáticas da literatura e das artes iconográficas. Neste aspecto, as representações da morte e suas características macabras eram popularizadas nas mais diversas formas de representação artística do final da Idade Média. Segundo os estudos de Fernando Lazaro Carreter, as “danças da morte”, enquanto expressão cultural, estiveram presentes em quase toda a Europa Medieval. Surgidas na França em meados do século XIV, a sua força literária rapidamente se espalhou por todo o continente e se transformou num tema preferido para pintores e escultores do período (LAZARO CARRETER, 1988)

De forma imprevista e infalível a Morte se apresentava em forma de um diálogo direto e com muita objetividade. Sem que haja comunicação entre os convidados para o singular bailado. Todos os personagens são questionados quanto aos maus procedimentos na sociedade. A estes ela estende a mão, porém, de nada lhes valerá recusar. A dança, além de lembrar que não cabe aos homens especularem sobre o momento de sua chegada, adverte-os que todos são iguais diante dela. Sobre essas

manifestações culturais escreve Philippe Ariès,

[...] Morte estende a mão para o vivo que vai arrastar, mas que ainda não se submeteu. A arte reside no contraste entre o ritmo dos mortos e a paralisia dos vivos. O objetivo moral é ao mesmo tempo lembrar a incerteza da hora da morte e a igualdade dos homens diante dela. Todas as idades e todos os estados desfilam numa ordem que é a da hierarquia social, tal como dela se tinha consciência (ARIÈS,1998, p.124).

Nesta perspectiva as expressões literárias que trazem o tema da morte como principais tramas são ricas de significação, o que possibilita várias interpretações sobre a sociedade da época. Uma das possibilidades é o conjunto de suas características éticas moralizadoras, ao fazer uma crítica intransigente a todas as camadas sociais da época. Podemos perceber ainda, que os autores que se utilizaram de temas macabros com imagens da Morte, construíram um desejo incontestável de restabelecimento da ordem, para disciplinar a sociedade e, principalmente, lembrar aos homens que ainda que existissem diferentes níveis sociais entre eles, a morte os tornava iguais. Aqui talvez resida a grande novidade que as peças e a iconografia trouxeram para o cotidiano do homem medieval, a trágica idéia de que tudo um dia passará. A dança faz a sua primeira aparição avisando a todos os homens, de todas as idades que, apesar das expectativas criadas nesta vida, a única certeza é a morte:

Yo soy la Muerte cierta a todas las criaturas
que son y serán en el mundo durante.
Demando y digo: ¡Oh, hombre!, ¿por qué cuidar
de vida tan breve en momento pasante?
Pues no hay tan fuerte ni recio gigante
que de este mi arco se pueda amparar;
conviene que mueras cuando lo dispare,
con esta mi flecha cruel traspasante.
¿Qué locura es ésta tan manifiesta
que piensas tú, hombre, que algún otro muera
y tú quedarás por tener bien compuesta
la complexión y la cual perdurará?
No eres cierto si en un instante llega
sobre ti, de súbito, una corrupción
de landre o carbonco, o tal implisión
por que el tu vil cuerpo se desatará.
¿O piensas, por ser mançebo valiente
o niño de días, que alueñe seré
e fasta que llegues a viejo impotente
la mi venida me detardaré?
Avísate bien, que yo llegaré
a ti a desora; que non he cuidado,
que seas mançebo o viejo cansado,
qual yo te fallare, tal te levaré.

ARTIGOS

La plática muestra ser pura verdad
aquesto que digo, sin otra fallencia.
de landrel o carbunco, o tal implisión
que en tu vil cuerpo se desatará.
¿O piensas que por ser mancebo valiente
o niño de días lejos estaré
y hasta que llegues a viejo impotente
yo mi visita retrasaré?
Avísate bien que yo llegaré
a ti a deshoras, que no tendré cuidado
en que seas mancebo o viejo cansado;
que cual te halle, tal te llevaré.
La plática muestra ser pura verdad,
que en esto que digo error no hay;
La santa escritura con çertenidad
da sobre todo su firme sentença,
a todos diziendo: Fazed penitencia,
que a morir avedes, non sabedes cuándo.
Si non, ved el fraire que está pedricando;
mirad lo que dize de su grand sabiençia (Danza General de La Muerte,
p. 15-18)

Além do pregador, a morte convida mais trinta e quatro pessoas representantes dos poderes laicos e religiosos e que ocupavam diversas funções na sociedade: Pregador, Donzelas, Papa, Imperador, Cardeal, Rei, Patriarca, Duque, Arcebispo, Condestável, Bispo, Cavaleiro, Abade, Escudeiro, Deão, Mercador, Arcediácono, Advogados, Canônico, Físico (médico), Padre, Lavrador, Monge, Usurário, Frade, Guarda Real, Ermitão, Contador, Diácono, Coletor de Impostos, Subdiácono, Sacristão, Rabino, Alfaqui, Santeiro, e por fim, todos os mortais não nomeados. Como pode ser observado no texto, a morte dá uma atenção especial aos representes religiosos, pois, nem mesmo os representantes do judaísmo, do islamismo e do cristianismo ortodoxo são poupados. Porém, dentre os diferentes convidados, há especial destaque para os cristãos, que são os que mais padecerão dos castigos infligidos por ela. A primeira potestade espiritual a prestar contas é o Papa:

¡Ay de mí, triste, qué cosa tan fuerte!
¡Y yo que trataba tan gran prelacía,
tiene que pasar ahora la muerte
y no me vale lo que dar yo solía!
Beneficios y honras y gran señorío
tuve en el mundo pensando vivir;
pues de ti, Muerte, yo no puedo huir,
¡válanme Jesucristo y Virgen María! (DGM, p. 31)

Dele ela extrai todo o poder; temporal e espiritual. Manda que tire sua capa, símbolo do poder papal. Quanto ao tempo, concede apenas um instante ao pontífice, para que ele

dance. Portanto, ela retém para si o tempo, quer dizer, um tempo já marcado pelo fim da vida, como se segue: “No os enojéis, señor Padre Santo, [...] No os valdrá el bermejo manto: de lo que hicisteis tendréis salario. No os aprovecha echar la cruzada, proveer de obispados ni dar beneficios: aquí moriréis sin hacer más bullicios.” [...] (DGM, p. 33)

O Cardeal também é outro personagem convidado a dançar. Mesmo que ele tente mostrar as suas boas intenções a morte é implacável. Diante da morte, ele diz: “Siempre trabajé en notar y escribir por dar beneficios a mis criados, ahora mis miembros están todos turbados que hasta pierdo la vista y no puedo oír.” [...] (DGM, p. 39). Porém, o seu poder é aniquilado diante da morte:

Reverendo padre, bien os avisé
que aquí habrías por fuerza de llegar,
a esta mi danza en que os haré
ahora, pronto, un poco sudar.
Pensasteis el mundo trastornar
para llegar a papa y ser soberano,
mas no lo seréis este verano (DGM, p. 41).

Prosseguindo, a “dança macabra” continua desafiando os membros do clero, desta feita, atacando principalmente a ociosidade e os vícios de todo corpo eclesiástico. Ao Arcebispo, pelo pecado da gula: *Señor arzobispo, puesto que tan mal registeis a vuestros súbditos y clerecía, gustad amargura por lo que comisteis: manjares diversos con gran gula.* (DGM, p. 41), ao Bispo, por abandonar sua verdadeira missão cristã e se cercar de outros potentados: *Siempre anduvisteis de gentes cargado, en corte de rey y fuera de la iglesia, mas yo gozaré la vuestra pelleja.* (DGM, p. 41).

Ao analisarmos o confronto da dança macabra com os representantes dos poderes laicos, fica evidente também que o seu principal alvo são os seus representantes máximos, neste particular o primeiro a ser convidado é o Imperador e, seguindo a hierarquia do corpo político da época, o convite é estendido ao Rei, ao Duque e ao Cavaleiro, entre outros. Com certa ironia, o texto revela que nem os mais fieis servidores do Imperador podem salvá-lo, ou seja, na hora morte, os aliados políticos são insignificantes.

¿Qué cosa es ésta que tan sin pavor
me lleva a su danza sin gusto, forzado?
Creo que es la Muerte que no siente dolor
del hombre, ya sea grande o apocado.
¿No existe ningún rey ni duque esforzado
que de ella me pueda ahora defender?
¡Socorredme todos! Mas no puede ser,

que ya tengo el pensamiento turbado (DGM, p. 35).

A morte revela que, apesar do Imperador ser grande e potente, não há que gastar o seu tempo e o seu tesouro na busca de soluções para ludibriar a morte, pois que não há saída. A sua indumentária, por exemplo, perde todo o significado. Também deixa evidente que o fisco acumulado foi realizado à custa de tirania e de guerras permanentes: “que atesorasteis con gran tiranía, haciendo batallas de noche y de dia (DGM, p. 35). E ainda que seja poderoso e rico, Morid, no os preocupéis.” (DGM, p. 35). Ao Rei, a morte reserva a mesma severidade, pois não adianta convocar seus vassallos. “¡Auxilio, auxilio, mis caballeros, yo no quería ir a tan baja danza! ¡Venid vos con los ballesteros, amparadme todos a fuerza de lanza! ¿Mas qué es esto que veo en la balanza [...] Adiós, mis vasallos, la muerte me tranza” (DGM, p. 43).

Outros representantes da sociedade também são convidados para o bailado. Como únicos dançantes, a Morte e o convidado dialogam e, a cada um, ela faz recordar das injustiças cometidas. Ao Mercador oferece doença como recompensa pelos seus serviços prestados: “Desde hoy no os preocupéis más de ir a Flandes, quedaos aquí quieto e iréis a ver la tienda que traigo de bubas y landres (peste): de buena voluntad las doy, no quiero vender” (DGM, p. 85). Ao Médico questiona a finalidade do seu saber, pois que sempre almejou fortuna por conhecer profundamente os ensinamentos da medicina na época: “Míntiome sin duda el Fen de Avicena que me prometió muy largo vivir rigiéndome bien a yantar y cenar,dejando el beber para después de dormir.Con esta esperanza pensé conquistar dineros y plata enfermos curando; mas ahora veo que me va llevandola Muerte consigo: conviene sufrir” (DGM, p. 101). Diante do conhecimento que o médico apresenta, a Morte zomba de seus conhecimentos médicos e de suas receitas como forma de tratamento, pois, segundo ela, são limitados ante ela: “Pensasteis vos, físico, que por Galeno o por don Hipócrates con sus aforismos seríais librado de comer del heno que degustaron otros con más silogismos. No os valdrá hacer gargarismos, componer jarabes ni llevar dieta. Si no lo oísteis yo soy la que aprieta.” (DGM, p. 101).

O Usurário também ocupa um espaço importante no texto. Ao revelar que o seu objetivo, assim como dos seus ancestrais sempre foi o de acumular grandes riquezas, recebe da Morte as mais severas acusações:

Traidor usurero de mala conciencia, ahora veréis lo que hacer suelo: en fuego infernal sin más detenencia pondré vuestra alma cubierta de duelo. Allá estaréis, donde está vuestro abuelo, que quiso usar según

vos usasteis: por poca ganancia mala vida eterna ganasteis. (DGM, p. 1117).

Quanto às Donzelas elas são as únicas personagens que não têm voz na peça; a morte faz um monólogo. Elas são condenadas apenas por serem belas, de uma beleza que se transformará em carne putrefata. Aqui, uma vez mais fica evidente a questão do macabro como substrato no imaginário da sociedade.

A esta mi danza traje de presente
estas dos doncellas que veis hermosas.
Ellas vinieron muy malamente
a oír mis canciones que son dolorosas.
Mas no les valdrán flores y rosas
ni las composturas que ponerse solían:
de mí si pudiesen escapar querrían,
mas no puede ser, pues son mis esposas.
A estas y a todos por las aposturas
daré fealdad, la vida partida,
y desnudez por las vestiduras;
por siempre jamás tristes y desesperados;
y por los palacios daré por medida
sepulcros oscuros de dentro fedientes,
e por manjares, gusanos royentes
que coman de dentro su carne podrida (DGM, p. 117).

A morte, ao inverter os valores sociais e culturais quando oferece às Donzelas sepulcros escuros em vez de palácios, e vermes como banquete está, de certa maneira, fazendo duras críticas ao ambiente da corte com toda sua pompa e futilidade e subverte assim, a ideia da finalidade no amor cortês.

Podemos ainda analisar várias passagens que nos dariam elementos para percebermos, por meio do discurso da morte, que dos principais objetivos desta e de outras peças que retratam as danças macabras do final da Idade Média é o desejo de tornar a sociedade mais equilibrada. Trata-se, portanto, de uma crítica moralista àquela sociedade, fator típico de uma sociedade em crise. Essa crítica, de caráter moralista, àquela sociedade é uma demonstração bem acabada da crise geral, de valores e de organização social daquele mundo. De maneira geral os personagens, isto é, os Homens não são criticados pela posição ou pelos cargos que ocupam na sociedade, mas sim, pela forma como desempenham os seus compromissos. Sobre isto é significativo o encerramento da Dança. A morte convoca todos que ainda não foram nomeados para participar da dança final e, na condição de julgadora, dá a palavra derradeira sobre aqueles que merecem a glória e aqueles que sofrerão a condenação.

A todos los que aquí no he nombrado
de cualquier ley, estado o condición,
les mando que vengan apresurados
a entrar en mi danza sin excusación.
No recibiré jamás excepción
ni otro libelo ni declinatoria:
los que bien hicieron tendrán siempre gloria,
los que lo contrario, tendrán condenación (DGM, p. 162).

Ao chamado da Morte os homens patenteiam que ela é a única certeza, porém o caminho da salvação é incerto e a única possibilidade para alcançá-la é assumir conscientemente um papel na sociedade que também agrade a Deus: “Pues que así es que morir debemos, es necesidad sin otro remedio, con pura conciencia todos trabajemos en servir a Dios sin distraimiento. Pues él es principio, fin y medio por donde si le place tendremos holgura, aunque la Muerte con danza muy dura nos meta en su corro en cualquier momento” (DGM, p. 165)

Ao longo de toda obra percebemos que a morte tem como objetivo, não somente a destruição do corpo enquanto matéria, mas, a recomposição de todo o corpo social, isto é, toda a sociedade da passagem do século XIV para o XV, nos seus mais diferentes estados. Coincide, portanto, com uma época de transformações e de crises estruturais, denunciados pela peça. O período vivia um processo de centralização monárquica e com lutas pela hegemonia social entre o poder papal e o poder civil. Heresias, guerras, fome e epidemias como a peste negra, contribuía para marcar a memória coletiva na questão da morte nesse contexto de largas transformações. A tudo isto se deve acrescentar ainda, o processo de enfraquecimento do sistema feudal e a ascensão de uma economia mercantil na Europa. Porém, como é possível notar no desfecho do texto a *Danza de Muerte*, há ainda aspectos de uma sociedade em transformação, num sentido mais humanista e materialista, não mais simplesmente religioso.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **O Homem diante da Morte**. Vol. I. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

Danza General de la Muerte (Versión Modernizada, introducción y notas por Erika Mergruen). México: Edición Raúl Núñez, 2007.

DUBY, Georges. A Morte. *In: A Europa na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1988a, p. 143-153.

DUBY, Georges. **Guilherme o Marechal**. Rio de Janeiro: Graal, 1988b.

LAZARO CARRETER, Fernando. **Teatro Medieval**. Madrid: Castalia, 1988.

INFANTES, Victor. **Las Danzas de La Muerte**: Génesis y desarrollo de un genero medieval (siglos XIII-XVII). Salamanca: Universidad de Salamanca, 1997.

LE GOFF, Jacques. Permanências e Novidades. *In*: **A Civilização do Ocidente Medieval**. Vol. II. Lisboa: Estampa, 1984, p. 129-133.

Recebido em: 01/08/2011

Aprovado em: 31/08/2011